

“Experienciei a experiência”: A redundância da construção de um saber negro na psicologia

“I experienced the experience”: The redundancy of the construction of a black knowledge in
psychology

Autora: Rubiana Nascimento Viana, mestranda em Sociologia Política pela Universidade
Estadual do Norte Fluminense e graduada em Psicologia pela Universidade Federal
Fluminense.

Telefone: (22) 997989950

Email: rubianaviana@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende expor a qualidade das experiências enquanto catalisadoras e produtoras de saber acerca da psicologia e da ciência como um todo. Aplicando a afirmação de Larrosa acerca da definição de uma experiência, torna evidente a importância desta na construção de saberes específicos da população negra, excluída da academia por intermédio da cultura colonial, e consolida enquanto imprescindível a experiência do ser negro na expressão da vivência e da reafirmação do *eu* nas considerações de seu próprio saber. Contudo, a Cartografia de Deleuze e Guattari surge no texto como contorno para esta alternativa, onde a construção do mapa do saber se dá a partir das mesmas experiências. Neste sentido, o presente escrito abre caminhos através dos quais o saber psicológico pode agora, ao deparar-se com o paradigma colonialista no qual está centrado, repensar sua fundação, existência e função, para que possa estruturar-se como ciência que ultrapassa os limites do saber hegemônico.

Palavras chave: Racismo, Psicologia, Colonialismo.

Abstract

The present work aims to expose the quality of experiences as catalysts and producers of knowledge about psychology and science as a whole. Applying Larrosa's statement about the definition of an experience, it makes evident its importance in the construction of specific knowledge of the black population, excluded from the academy through colonial culture, and consolidates the experience of being black in the expression of the experience and reaffirmation of the self in the considerations of its own knowledge. However, the Cartography of Deleuze and Guattari appears in the text as an outline for this alternative, where the construction of the knowledge map occurs from the same experiences. In this sense, the present writing opens paths through which psychological knowledge can now, when faced with the colonialist paradigm on which it is centered, rethink its foundation, existence and function, so that it can be structured as a science that goes beyond the limits hegemonic knowledge.

Keywords: Racism, Psychology, Colonialism.

Introdução

É difícil se predispor a escrever e falar de algo sobre o qual não se tem proximidade alguma até porque, em verdade, colocar-se também em questão ao longo dos escritos deixa o processo ligeiramente mais fluído, tornando-o muito mais prazeroso e conseqüentemente produtivo. Terá algo nele que revelará vontade e necessidade de apresentá-lo ao mundo, alcançando assim o tão cobiçado retorno à sociedade – o que deve, ou pelo menos deveria ser a meta de todo pesquisador. Ter ciência disso tornou possível um início, uma direção, que viria a guiar toda uma caminhada. Há desejo de escrever sobre uma experiência porque ela pertence ao autor também, e há algo nela que é ele. Para definir esses contornos, a cartografia de Deleuze e Guattari (1995) demonstrou-se surpreendentemente essencial enquanto método, ao tornar possível o desenvolvimento de uma escrita ao mesmo tempo descritiva e analítica. Em um país onde até 2011, 5,5 milhões de crianças não possuíam o nome do pai no registro civil¹; onde 54,9% da população se declara negra ou parda²; onde os negros representam três quartos da população pobre³ e 72% da população carcerária⁴, parece que contar essas histórias é tão somente tornar evidente os fatos mais reais e presentes no cotidiano e na vida comum de cada brasileiro, que se naturalizam e quase não se tornam mais visíveis. É falar de algo tão próximo e tão íntimo, que determinou tanto quem são ou somos, que já nem percebe-se. A chibata que já não machuca a pele anestesiada, ao passo que as feridas em si não cicatrizam. Pesquisadores no limbo do dentro-fora, capazes enxergar as circunstâncias e a conjuntura de todo um sistema de opressões, mas que ainda assim estão a ele submetidos. As análises que se apresentam neste texto somente foram potencializadas quando compreendeu-se que cada sujeito, até mesmo os autores, compõem também este corpo. Barembliitt (2002) diz que uma análise institucional torna-se possível somente a partir da análise de implicações, que define enquanto atravessamentos que perpassam a equipe ou sujeito interventor(a) ainda que inconsciente dos efeitos que produz na instituição e em si própria, justificando a reciprocidade do processo analítico e da experiência que se vive.

Não é tão difícil assim descobrir o lugar do psicólogo no mundo. Mas para além de saber disso, não hesitar em acreditar é também vital para o desenvolvimento tanto acadêmico quanto subjetivo daqueles que se arriscam a conhecê-la. Em verdade, ao passo que logo nos

¹ Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011.

² Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, IBGE.

³ Idem.

⁴ Dados do Infopen, o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias, divulgados pelo Ministério da Justiça.

primeiros contatos com a ideia de uma psicologia que pode se desenvolver em quase todos os espaços, muitas dúvidas acerca das suas múltiplas faces são desfeitas, exige-se um pouco mais tempo para compreender que compartilhamos muitos destes espaços com outras áreas do saber. Há aqueles que passam um longo tempo acreditando que essa sede – que não descobrem de quê – é de algo muito mais próximo da antropologia do que da psicologia. Faz-se necessário apreender que mesmo esse escopo fluído, que levanta questões aparentemente pertinentes à sociologia cabe na psicologia, e que esta não é nem neutra e nem apolítica, assim como é a vida em sociedade. O respaldo para esta existência singular pode ser encontrado na cartografia de Deleuze e Guattari, metodologia que orienta pesquisas no campo de saber psicológico e surge como uma possibilidade de reinventar tal prática diante da metodologia tradicional presente até então (ZAMBENEDETTI; DA SILVA, 2011).

A cartografia (...) é tomada como um mapa em constante processo de produção, instaurando um processo de experimentação contínua capaz de criar novas coordenadas de leitura da realidade, criando uma ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos. Com este procedimento cartográfico colocam-se em questão as hierarquias e fronteiras que dividem os campos de conhecimento e propõe-se uma recriação permanente do campo investigado. (ZAMBENEDETTI; DA SILVA, 2011, p. 457).

A cartografia, para além de orientar pesquisas, torna possível um pesquisador capaz de compreender que suas capturas e rupturas são também parte do processo e passíveis de leitura, uma vez que a implicação do sujeito consolida o pressuposto que o leva até o campo. Cartografar ao construir escritos é também construir parte da própria subjetividade.

A experiência enquanto objetivo

Há quem se diga incapaz de escrever sobre algo que não lhe pertença minimamente. Mais além: há quem seja incapaz de escrever sem ser a si próprio. Porque cada palavra que esboça vem de muito longe. E as que lhe faltam também vêm. Quando nos dispomos a falar sobre algo que é parte de nós, nossos escritos corriqueiramente se farão presentes em nosso cotidiano, nas menores e mais sutis coisas ou não. Frequentemente, deparamo-nos com palavras ou situações que nos levam de volta ao meu tema. Delas – aconselho – tome nota.

Posso por exemplo falar de mim. Nos quatro dias de carnaval deste ano, um primo distante do qual nunca tinha ouvido falar veio visitar minha família. Não tardou muito e ele começa a dizer de seu cotidiano. Morador do Morro da Igrejinha, de relance, enquanto passava pela varanda, pude ouvi-lo contar a minha avó das vezes que tomou *dura* da polícia.

“Colocaram meu amigo no saco e ele desmaiou. Quando perceberam, começaram a rir, disseram que estava fingendo...”. Não quis nem ouvir o fim da história.

Outro primo meu, este muito mais próximo, também passou o carnaval conosco. Fomos criados juntos. Ele descoloriu seu cabelo para o feriado, e eu ajudei a cuidar dos fios. Quando a folia acabou, perguntaram se ele iria manter o novo visual. “Tá maluco? Vou levar uma *imprensa* na primeira esquina que eu dobrar!” foi sua resposta.

Não é preciso ir tão longe para constatar o óbvio.

Nestes dias eu não conseguia escrever. Eu não conseguia ler. Nada saía dessa mente viajante e ativa. Eu não conseguia de forma alguma focar no meu trabalho. E sabia o porquê: Tudo que eu conseguia fazer era me antecipar, pensando no fim da minha graduação e no iminente *status* de desempregada que galopava na minha direção. Eu não conseguiria renovar minha bolsa acadêmica, eu não teria dinheiro para me sustentar até o final do ano, não posso usar meu cartão de crédito bloqueado, a festa de formatura foi uma péssima ideia, meu pai perdeu um dos seus dois empregos, meu filho não recebe pensão, eu preciso distribuir currículos e aceito qualquer coisa, talvez eu possa até vender algo na universidade... Doces? Marmitas? Cigarros? Pornografia? Calma. Eu preciso me manter lícita. Mas é muito mais difícil quando se é preta, pobre. Eu queria ser branca. Tudo é mais fácil quando se é branco. Eu ainda preciso escrever. É impossível, eu estou vivendo. Eu sei que posso escrever, eu sou muito boa escrevendo, mas não dá, não tenho tempo. “Escreva sobre isso”. Escrevi.

Eu vivia um turbilhão. Mil coisas diferentes e nenhuma delas pareciam pertencer a estes escritos. Mas se eu escolhi falar de algo que também sou como poderiam não pertencer? E se nada tem a ver, de que serve esta experiência então?

Quando pensamos em populações que historicamente se constituíram sequestradas de suas identidades e foram constituídas enquanto alvo de políticas de controle, especialmente a população negra, e percebemos que estas também escrevem suas histórias, devemos repensar talvez na necessidade de buscar dados empíricos e textos científicos em outros lugares. A própria vida, assim como ela é, torna-se uma amostra perfeita do que é ser negro e pobre no Brasil. É disso que precisamos saber. E mais do que escrever sobre *meninos enclausurados*, é preciso escrever sobre si mesmo. Porque entre o *eles* e o *eu* a distância é mínima. Porque a vida *deles* é um espelho da *minha*. E porque *eu* não sou – *nós* somos.

Pergunto-me então – e lhes pergunto também – se *experenciar* é isso. Tomando-me por exemplo outra vez, quem vos escreve é mais uma proletária mãe, solteira, em busca de sustento para si mesma e para seu rebento. Uma mente ocupada demais com questões financeiras que reduzi ao âmbito individual quando sem dúvidas me encontrava circunscrita em algo muito maior, em reflexos. O que se passa aqui se passa em outros lugares também. E talvez isso precise ser dito.

Vamos assim descobrindo sem perceber o que é a experiência. Vivendo cada uma delas e permitindo que estas guiem as seguintes. Larrosa nos diz que “a experiência é o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA, 2002, p. 21. Grifos meus). Há aqueles que possuem seus muitos receios em relação ao eixo da infância e da juventude – assim como eu –, porque não é sobre qualquer infância ou qualquer juventude. O Estado não se preocupa com qualquer jovem, não intervém em qualquer família. Sua maior preocupação é com a população negra, pobre e periférica, porque são destes berços que saem seus grandes *inimigos*. Historicamente, as famílias que não se enquadram no modelo nuclear burguês, as que se encontram vulneráveis sócio e economicamente, as tuteláveis (SCHEINVAR, 2002).

Seguindo por este caminho, certamente não tardará para que a sobreimplicação⁵ venha à tona. Em poucos meses, mesmo aqueles que teimam em negar qualquer temática a qual esteja pessoalmente implicado por muito tempo estará chafurdado, atolado até o pescoço, pesquisando, lendo e estudando tudo sobre isto, sobre si mesmo. Até imaginar que já não será mais capaz. Tudo se torna demais. A ferida aberta ainda dói. Torna-se um martírio. Todos os cheiros, todas as cores causam desprazer.

O sujeito da experiência (...) é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não é um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo (...). Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. (LARROSA, 2002, p.25)

Este então terá vivido sua própria experiência. Única, singular, impossível de ser repetida e explorada em laboratório. Com a passagem deste processo e o fim deste ciclo,

⁵ A sobreimplicação é a crença no sobretrabalho, no ativismo da prática, que pode ter como um de seus efeitos a dificuldade de se processar análises de implicações, visto que todo o campo permanece ocupado por um certo e único objeto. (COIMBRA & NASCIMENTO, 2004, p. 1).

poderá assimilar que apesar de doída, sua sobreimplicação tornou esta experiência marcante a um nível existencial suficientemente precioso para impulsionar a produzir algo sobre...

Rolnik⁶ diz que cartografar é de fato, como escrever um mapa. Escrevemos enquanto sentimos e vivemos, mas somente somos capazes quando ampliamos nossos horizontes.

Muito do que se vive antes da experiência em si faz com que estas, ocorridas em qualquer dispositivo, se deem de modo singular, variando em relação aos sujeitos que possivelmente não estarão implicados ou inseridos de maneira similar ao do pesquisador que ousa ocupar o lugar de sujeito-objeto, em relação às desventuras e revés que se darão. No entanto, se este se prende somente às suas experiências anteriores, certamente perderá uma gama de abstrações que o levará a novos conceitos. Torna-se então importante compreender isso a tempo de dar a si mesmo uma oportunidade de ver sob a perspectiva do outro, ainda que com ela não concorde.

Se a experiência não é o que acontece, mas o que **nos** acontece, duas pessoas ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência para cada qual sua, singular de alguma maneira impossível de ser repetida. (LARROSA, 2002, p. 27. Grifos meus).

Não há experiência certa ou errada. Há experiências possíveis. E se as análises resultantes delas permitiram-me construir este trabalho, então para mim, é o suficiente.

A experiência de ser *eu*

Analise sua experiência, relate sua experiência. Os pontos de vistas e como poderá expor cada um deles. Através deles, proponha a construção de algo supostamente novo...

Não me atrevo de forma alguma com esse trabalho apontar dedos em caras. Dizer-me acima de qualquer um. A minha intenção é oferecer uma perspectiva. Um ponto de vista que foi negado por 500 anos antes de mim e depois. Por 500 anos antes de mim outros tentaram oferecer esta perspectiva, e por 500 anos depois ainda tentarão. Estou fazendo a minha parte.

A pluralidade das questões que podem surgir por intermédio destas análises resulta *daquele* racismo estrutural (BATISTA, 2018) e das desigualdades sociais provenientes dele. De fato, expor todos esses atravessamentos é demonstrar que aquilo que une pobreza, negritude e violência em um único corpo nada mais é do que uma cultura dominante, que por excelência é branca. Toda a construção hierárquica que constitui o território brasileiro

⁶ ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. São Paulo. Estação Liberdade, 1989.

enquanto nação se pautou nos pressupostos colonialistas, que para além da invasão de terras alheias, se demonstra agora enquanto estratégia de dominação social contra um povo em específico.

O que é colonizar? Arantes (2011) ao analisar as ideias de Sartre sobre o racismo e sua amizade com Fanon, aponta que os processos subjetivos que acontecem no caso do colonialismo e do racismo se diferenciam demasiadamente da alienação do proletariado, pois no caso do colonizado ocorre uma desumanização, opressão e violência colonial (2011, p. 300). O acultramento é uma das técnicas de dominação do colonizador, que exige que o colono esqueça-se de suas tradições, crenças e costumes. A língua imposta é outra força de dominação violenta, pois deve esquecer sua língua e aprender a língua do colonizador; esta é a única oficial nesta relação. O trabalho forçado extenuante acaba por desabar qualquer integração possível, ainda no nível subjetivo, do mesmo modo que a tortura pode levar qualquer ser humano a se perder psicologicamente; são violências que atuam como ataques à saúde mental. A ideia é de que o escravo torne-se um ser a esmo, inexistente, não há o para-si, ele é destruído. (MAIA, ZAMORA & BAPTISTA, 2019, p. 109).

Ao expor colonizar como uma gama gigantesca de instrumentos e possibilidades para destituir um povo de si mesmo e junto disso, de suas terras e de sua cultura, tornando-o mais dócil e apto à exploração, torna-se mais evidente o quanto tal cultura permanece impregnada ainda nos dias atuais junto dos efeitos produzidos pelos seus ataques mais efetivos, e o quanto pode ser relevante observar por um outro lado, talvez. Virar a página, aguçar os ouvidos, afiar os facões.

Em meio a tudo isso, a psicologia, o campo de saber que escolhi para a vida. Ciência que se apresenta também atravessada pelos ideais coloniais, limitando a maior parte de sua produção teórica à conceituações europeias – aquelas que por vezes ignoram ou acabam alheias, mesmo que sem querer, ao racismo de Estado. Como é possível, após entender toda construção de um modelo de sociedade e o quanto isto perpassa as vidas negras ou não, manter a psicologia ereta, alheia e neutra a todas essas questões?

A Psicologia não ficou imune ao alheamento às questões afetas a minorias raciais e étnicas e o lugar que ocupam na sociedade; nesta área a Psicologia tem um histórico de ausência, a exemplo da psiquiatria. Segundo Munanga (2003), vítimas de preconceito racial e discriminação recebem pouca atenção da Psicologia clínica. Ele acredita que a Psicologia brasileira tem muito a produzir no conhecimento do racismo e suas consequências na estrutura psíquica tanto das pessoas-alvo quanto das perpetradoras do racismo (GOUVEIA E ZANELLO, 2018, p.453).

A resposta é simples: Não é. E compreendendo isso observamos com prazer e gosto o pipocar, cada dia mais, de estudos voltados para esta problemática que nascem de semelhante inquietação, mas que contudo, ainda não alcançou o seu ápice. Ao assumirmos um currículo majoritariamente europeu optamos por nos render a esta lógica hegemônica, entregando a verdade às respectivas mãos brancas. Precisamos de outras vozes, desta vez negras, especialmente no que diz respeito ao exercício clínico da psicologia.

Na realidade da Psicologia clínica brasileira inexistia a preocupação com a experiência de minorias étnicas ou raciais. Martins, Santos e Colosso (2013) encontraram apenas um artigo na área clínica (psicanálise), do total de 42 artigos. A tendência da disciplina é europeizante e arianizante na totalidade de seus modelos. A Psicologia social foi, na década de 1930, pioneira nos estudos de relações raciais (Santos et al., 2012), e é até hoje a área de Psicologia que mais produz nessa temática (Martins et al., 2013) (GOUVEIA E ZANELLO, 2018, p. 453).

A construção de um caráter epistemológico que ignora tantas contribuições que compreendem o paradigma colonial, tanto no que diz respeito às condições sociais quanto às produções acadêmicas de todas as áreas, não é considerada nas formações. A consequência disto é que em muitos momentos, os profissionais que nestas casas se formam deixam de considerar as diversas maneiras através das quais a problemática racial atinge a vida diária de sua clientela, em especial o profissional *psi*, que é o que se encontra em análise nestes escritos. É sobre um não preparo revelador, que denuncia uma condição presente nos sujeitos muito antes da sua admissão no espaço acadêmico, afinal, quem são as pessoas que nele ingressam?

O racismo no Brasil é um fenômeno ao mesmo tempo presente e negado (ZAMORA, 2012). Os profissionais da saúde mental são incapazes de reconhecer a linguagem, o comportamento e as atitudes racistas internalizadas de seu próprio racismo encoberto. (GOUVEIA E ZANELLO, 2018, p. 461).

O desenvolvimento deste trabalho revelou o quanto a cor da (minha) pele e a compreensão de pertencimento a determinado lugar na sociedade em função dela oferece uma perspectiva que ultrapassa as fronteiras daquilo que está disponível, ao alcance, tornando possível uma busca ampliada, que não se ateu somente aos escritos impostos, cujos estudos não poderiam de forma alguma dar conta de tal perspectiva acerca da experiência, me fazendo procurar ainda mais longe – entender o porquê das coisas, suas raízes e assim se colocar frente ao nascimento de uma nova psicologia, que contemple quem somos: **PRETOS E PRETAS!** Ao sermos desafiados, ao sermos cerceados, nos desvencilhamos. É uma luta de sobrevivência. Aquilo que é hegemônico se enfurece, e nós resistimos.

Ao admitir-se que o exercício da psicologia, especialmente na esfera clínica, não pode deixar de assumir o aspecto político dos sujeitos, deve-se apostar no movimento pendular que nos permite acessar a origem macropolítica das questões que se apresentam nas mentes e nos corpos e também o que é da ordem micropolítica. Quando um psicólogo se predispõe ao atendimento das demandas *psi* de um corpo preto precisa deixar entrar porta adentro mais do que o sujeito apenas, mas também os atravessamentos raciais que o compõem. O atendimento ofertado pode até ser individual, mas o sujeito não é indivíduo – independente do mundo – e, portanto a clínica não pode ser individualizante. Foi a partir da definição de um povo preto

que a hegemonia branca construiu um projeto político de exclusão e repressão. E por isso é tão alarmante, e por isso não pode ignorado. “Assim se apresenta a clínica (...) O que nos interessa são modos de subjetivação e, neste sentido, importa-nos poder traçar as circunstâncias em que eles se compuseram, que forças se atravessam...” (BENEVIDES & PASSOS, 2000, p. 77).

Entender a dimensão política do processo clínico nos previne de apostar numa suposta redução de danos em lugares onde não há dano reduzível. O psicólogo deve ter cautela ao voltar-se a certos sujeitos ou até mesmo dispositivos sem politizar as questões que dali surgem, sob risco de acabar na busca por uma prisão *humanizada*, no aspecto psicológico ou até mesmo físico (valendo-me das prisões como exemplo), pois afasta-se da compreensão de que o lugar de cárcere surge historicamente como construção social idealizada para controle e repressão de uma população determinada antes mesmo de se instaurar punitivista⁷. Reduzir os danos neste contexto não é criar potência, mas contribuir para a docilização dos corpos. Não há caminho fácil.

As histórias trazidas pelos pacientes não seriam mais apenas conectadas entre si ou com as introduzidas pelo analista, mas também interfaceadas a outros sistemas, outros regimes de signos. (...) não se trata do estabelecimento de sistemas interacionais, mas de diferenças que se introduzem em dimensões da subjetivação, complexificando a situação através da pressão promovida pelos movimentos de desterritorialização. (BENEVIDES & PASSOS, 2000, p. 78).

E ainda:

Segundo René Lourau, fazer uma intervenção significa, dentre outras coisas, “articular lacunas, ver relações onde só se percebiam elementos coerentes e homogêneos, comprovar um problema onde se julgava existirem soluções” (COIMBRA & NASCIMENTO, 2004b, p.1). Devemos então entender que nossas práticas, sejam como psicólogos ou com cidadãos, devem questionar a naturalidade dos objetos e dos sujeitos que estão no mundo, abrindo espaço para a afirmação das diferenças, das multiplicidades de conexões e da produção coletiva de um espaço urbano democrático e da produção de outras formas de ser e estar no mundo (Bicalho, 2005). (BICALHO et. al., 2012, p. 62).

Por fim, colocar em xeque o significado e amplitude de uma experiência constitui um processo de reconhecimento enquanto sujeito em cada um dos lugares que ocupamos, seja no próprio bairro, na universidade, e em qualquer outro espaço. A subjetividade não se desfaz quando altera-se o território: Ela permanece, se expressa, absorve, mas jamais se anula. Este certamente é um diferencial neste trabalho. Reivindico nestas linhas que é preciso uma psicologia preta. E eu mesma sou um exemplar de psicóloga preta, direcionando estes escritos

⁷Ver Cecília Coimbra: Operação Rio: O Mito das Classes Perigosas: um estudo sobre violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro, Oficina do Autor. Niterói, Intertexto. 2001.

para outros psicólogos pretos ou não. Não basta uma academia não racista: É preciso que seja antirracista!

Conclusão

O que me impulsionou a escrever este trabalho e construir estes estudos, antes de qualquer coisa, foi uma experiência muito singular: a do silêncio. O que começou com um incômodo acerca desta minha impossibilidade de falar cresceu a ponto de se tornar um tormento tão latente, que fez da minha escrita ao mesmo tempo militante e terapêutica. Era uma ausência de voz que remetia à diversas camadas da malha social: a ideia de que a minha perspectiva, construída pelas experiências com os territórios de pobreza que habitei e pela cor da minha pele, era equivocada porque historicamente, é o que se diz sobre pessoas semelhantes a mim. À minha mãe, minha avó, e a todas que vieram antes delas... Ter que provar ser intelectualmente capaz. Racismo.

(...) O que me dava tanto medo? Questionar e dizer o que pensava podia provocar dor, ou a morte. Mas, todas sofremos de tantas maneiras todo o tempo, sem que por isso a dor diminua ou desapareça. A morte não é mais do que o silêncio final. E pode chegar rapidamente, agora mesmo, mesmo antes de que eu tenha dito o que precisava dizer. (LORDE, 1977, p. 41)

Compreender as origens do paradigma racial na academia nos possibilita alcançar novos lugares através de novos olhares na construção dos saberes. Permite-nos colocar em questão aquilo que é particular, questionar o que é o particular e porque ele é particular, e se assim de fato deveria ser. Insurge questões... O questionamento que fica é daquele lugar a qual normalmente reservamos a experiência, como se esta ao ser subjetiva perdesse sua validade na construção da ciência.

É claro que desprezar os séculos de construção da epistemologia ocidental não é de forma alguma o objetivo deste trabalho. O objetivo dele é realocar. Realocar a experiência no espaço científico, nas ciências sociais, na psicologia. Repensar os saberes, suas constituições e seu contexto histórico. Observar suas consequências no presente.

No que diz respeito à psicologia, é prudente realocar, repensar e observar. Observe que ela está mudando, e que somos agora parte desta mudança. É preciso agregar saberes e perspectivas, pois corremos o risco de cientificamente não sobreviver. E quem melhor que nós, os sobreviventes, para ensiná-la a sobreviver?

Referências

- ALAPOLA, Kaique. **Negros representam dois terços da população carcerária brasileira. Portal R7**, 2017. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/negros-representam-dois-tercos-da-populacao-carceraria-brasileira-08122017>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- AYRES, L.; CARVALHO, M.; SILVA, M. Naturalizando-se perda do vínculo familiar. In: NASCIMENTO, Maria Lívia do. (org.) **Pivetes: a produção de infâncias desiguais** Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor. 2002.
- BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5. ed. Instituto Felix Guattari. Belo Horizonte, 2002.
- BASSETT, Fernanda. **Brasil tem 5,5 milhões de crianças sem pai no registro. Exame**, 2013. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, Campinas, v. 9, n. 4, p.2581-2589, out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2018/36867>.
- BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p.21-25, ago. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822005000200004>.
- BIANCHI, Paula. **9 em cada 10 mortos pela polícia no Rio são negros ou pardos. UOL**, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/26/rj-9-em-cada-10-mortos-pela-policia-no-rio-sao-negros-ou-pardos.htm>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- BIANCHI, Paula. **Número de mortos pelas polícias no RJ passa de 1.000 em 2017 e já é o maior em quase 10 anos. UOL**, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/12/18/numero-de-mortos-pela-polica-no-rio-ultrapassa-os-1000-e-ja-o-maior-em-quase-10-anos.htm>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de; KASTRUP, Virginia; REISHOFFER, Jefferson Cruz. Psicologia e segurança pública: invenção de outras máquinas de guerra. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.56-65, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/07.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Lívia do. **Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político?** 2004. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto22.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- COIMBRA, Cecília. **Operação Rio: o mito das classes perigosas: um estudo sobre violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública**. Rio de Janeiro, Oficina do Autor. Niterói, Intertexto. 2001.
- DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. **Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze**

Anos. **Psicologia**: Ciência e Profissão, Brasília, v. 38, n. 3, p.450-464, set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-37030003262017>.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1980.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p.20-28, abr. 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>.

LORDE, Audre. The Transformation of Silence into Language and Action. In: LORDE, Audre. **Sister Outsider**: essays and speeches. Crossing Press. Trumansburg, 1984.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas; BAPTISTA, Rachel Fontes. Reflexões sobre o racismo em Campos dos Goytacazes: um olhar existencialista sobre a descolonização. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p.105-112, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/33680>. Acesso em: 17 jun. 2019.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p.71-79, abr. 2000. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722000000100010>.

SARAIVA, Adriana. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos**. Agência IBGE de Notícias, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em: 18 jun. 2019.

VIEIRA, Isabela. **IBGE**: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre. Agência Brasil, 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>. Acesso em: 18 jun. 2019.

ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.454-463, dez. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822011000300002>.